

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

CLARA FERNANDES MENDES

ÁLVARO DE CAMPOS – UMA TRILHA POR 1928

RIO DE JANEIRO

2023

CLARA FERNANDES MENDES

ÁLVARO DE CAMPOS – UMA TRILHA POR 1928

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como exigência para obtenção do diploma de conclusão do curso de Licenciatura em Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Alexandre Carvalho Xavier.

Rio de Janeiro

2023

CLARA FERNANDES MENDES

ÁLVARO DE CAMPOS – UMA TRILHA POR 1928

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como exigência para obtenção do diploma de conclusão do curso de Licenciatura em Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovado por:

Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier., D.Sc. - Orientador
(FACULDADE DE LETRAS/UFRJ)

PPAULO RICARDO BRAZ DE SOUZA, D.Sc.
(FACULDADE DE LETRAS/UFRJ)

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Agradecer parece uma tarefa fácil, mas quando se tem uma rede de apoio tão grande em volta, faltam palavras até para os que maior têm facilidade com elas, como eu. Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Sonia e Ulisses, pois sem eles não seria possível estar aqui hoje. Agradeço à minha mãe por não ter medido esforços para me apoiar em cada escolha ao longo da minha trajetória na graduação e ao meu pai por todo incentivo e colaboração. Seguindo esta ordem agradeço também ao meu irmão Enio que é minha maior fonte de inspiração nesta vida, é nele que me inspiro e aspiro poder ser um dia metade do que ele é. Obrigada por ser meu guia quando eu não consigo me encontrar. Agradeço também à minha cunhada Juliana, que acabou por ser um pouco minha irmã mais velha, me apoiando e dando suporte em todos os momentos. À minha querida avó Yvonne por nunca me deixar faltar carinho e por ter me ensinado desde criança que o estudo é o que pode me levar mais longe. Ao meu namorado Gabriel agradeço o apoio incondicional em todos os momentos, lidando com os meus picos de estresse e de ansiedade.

Agradeço ao meu orientador, o Professor Rodrigo Xavier, que acompanha minha trajetória na graduação desde 2019 e me ajuda a trilhar e agregar cada vez mais conhecimento à minha vida acadêmica. Sem ele não seria possível ter trilhado o caminho até aqui. Agradeço ao Professor Paulo Ricardo Braz de Sousa, que além de ter sido um Professor Incrível de Poesia Portuguesa, aceitou meu convite para ser leitor crítico deste trabalho. Agradeço também aos meus amigos por estarem ao meu lado nos momentos bons e ruins nesses cinco anos e meio de graduação e à minha equipe de trabalho do Instituto COPPEAD, especialmente minhas amigas Mariana Mello, Maria Aparecida e Jéssica Amorim, que me estenderam a mão em todos os momentos e me fizeram acreditar que era possível enfrentar a fase final da graduação de maneira leve e divertida.

Por fim agradeço a Deus e aos seres de luz que me guiam e que me auxiliaram em cada momento de necessidade. E claro, a Fernando Pessoa, por sua vasta poesia que permitiu que este trabalho fosse realizado.

“Sê plural como o universo!”

- Fernando Pessoa

Resumo

MENDES, Clara Fernandes. Álvaro de Campos: uma trilha por 1928. Rio de Janeiro, 2023. Monografia de conclusão de curso – Faculdade de Letras da UFRJ – Centro de Letras de Artes, 2023.

Esta monografia tem como principal foco trilhar um caminho dentro da poética do heterônimo Álvaro de Campos em 1928. Através da leitura do poema “Demogorgon” encontramos diversos temas como niilismo, desencantamento de mundo, angústia e procrastinação que levaram a seguinte dúvida: será que esses temas aparecem em apenas um dos poemas ou é recorrente de toda a obra deste mesmo período? Algumas motivações que levaram a esta investigação são: será que estes temas refletem apenas a poética deste autor ou podem também refletir um pouco da personalidade de Fernando Pessoa ortônimo? Com isso, a partir da análise dos seguintes poemas datados de 1928: “Tabacaria”, “Apostilla”, “Addiamento”, “Mestre, meu mestre querido!”, “Às vezes medito,”, “Na última página de uma antologia nova”, “No ocaso, sobre Lisboa, no tédio dos dias que passam,”, “Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,”, “Na noite terrível, substância natural de todas as noites,”, “Nuvens”, “Nocturno de dia” e o poema que foi parâmetro para a análise de todos os outros: “Demogorgon”, foi possível encontrar respostas para as perguntas resumidas no parágrafo acima.

Palavras-Chave: Álvaro de Campos; Fernando Pessoa; “Demogorgon”; niilismo; 1928.

Abstract

MENDES, Clara Fernandes. Álvaro de Campos: uma trilha por 1928. Rio de Janeiro, 2023. Monografia de conclusão de curso – Faculdade de Letras da UFRJ – Centro de Letras de Artes, 2023.

This monograph's focus is to explore the poetic path of the heteronym Álvaro de Campos in 1928. Through the analysis of the poem "Demogorgon," we encounter various themes such as nihilism, disillusionment with the world, anguish, and procrastination, which raise the following question: do these themes appear in only one of the poems, or are they recurrent throughout the entire body of work from this period? Some motivations that led to this investigation are: do these themes solely reflect the poetics of this author, or could they also reflect a bit of the personality of Fernando Pessoa, the orthonym? Taking this into account, through the analysis of the following poems dating from 1928: "Tabacaria", "Apostilla", "Addiamento", "Mestre, meu mestre querido!", "Às vezes medito,", "Na última página de uma antologia nova", "No ocaso, sobre Lisboa, no tédio dos dias que passam,", "Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,", "Na noite terrível, substância natural de todas as noites,", "Nuvens", "Nocturno de dia" and the poem that served as a benchmark for the analysis of all others: "Demogorgon," it was possible to find answers to the questions summarized in the paragraph above.

Keywords: Álvaro de Campos; Fernando Pessoa; "Demogorgon"; nihilism; 1928.

Lista de Ilustrações

Imagem 1 – Documento redigido por Fernando Pessoa que descreve Álvaro de Campos como “meio autonymo”	14
Imagem 2 – Publicação do Poema “Tabacaria” na revista Presença	21
Imagem 3 – Publicação do poema “Apostilla” no jornal O notícias ilustrado.....	25
Imagem 4 – Publicação do poema “Addiamento” na revista Solução Editora.....	27

Lista de tabelas e quadros

Tabela 1 – Descrição dos poemas escritos por Álvaro de Campos em 1928 de acordo com a ordem cronológica de produção.....	18/19
--	-------

Sumário

1. PREÂMBULO	11
2. DESENVOLVIMENTO: UMA LEITURA DE ÁLVARO DE CAMPOS A PARTIR DO POEMA “DEMOGORGON”	16
2.1.1. UMA TRILHA PELOS POEMAS DE 1928.....	19
2.1.2. “Tabacaria”.....	22
2.1.3. “Apostila”.....	25
2.1.4. “Addiamento”	28
2.1.5. “Mestre, meu mestre querido!”	30
2.1.6. “Às vezes medito,”	32
2.1.7. “Na última página de uma Antologia Nova” & “No ocaso, sobre Lisboa, no tédio dos dias que passam,”	33
2.1.8. “Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,” & “Na noite terrível, substância natural de todas as noites,”	35
3. CONCLUSÃO: O FINAL DA TRILHA POR 1928.....	40
BIBLIOGRAFIA	42

1. PREÂMBULO

Fernando Pessoa é um dos maiores nomes quando tratamos de literatura moderna portuguesa. Ao longo dos últimos 70 anos sua obra vem sendo estudada e publicada em todo o mundo. Sabe-se que se trata de um poeta múltiplo, pela quantidade de escritos (dentre eles, poemas, contos, livros, textos críticos, etc.), mas também, pela quantidade de personalidades fictícias que criou. Um dos maiores diferenciais deste autor é o que comumente é chamado pela crítica heteronímia, mas que o próprio poeta chamou “heteronimismo”¹. Este poeta publica em nome de outras três personas, mas não é como se ele se fizesse passar por estas pessoas, ou utilizasse de pseudônimos. Estes três são realmente outras personalidades. Para elucidar, apresento dois trechos da carta de Fernando Pessoa a seu amigo Adolfo Casais Monteiro, em 13 de janeiro de 1935:

[...] Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero neurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registro de seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos - felizmente para mim e para os outros - mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com os outros; fazem explosão para dentro e vivo - os eu a sós comigo. (PESSOA, Carta a Adolfo Casais Monteiro. In: Revista Presença, Nº 49, 1937)

Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em todas, não devemos ser dogmáticos). Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, carácter e história, várias figuras irrealis que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real. Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado desde sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar. (PESSOA, Carta a Adolfo Casais Monteiro. In: Revista Presença, Nº 49, 1937)

A explicação sobre o heteronimismo é importante pois é a partir dele que se constrói também a identidade do Fernando Pessoa ortônimo (outro termo criado pelo próprio Pessoa) e, compreendendo melhor esse dispositivo, podemos aceder de maneira mais clara a construção da obra deste autor múltiplo. Com estes trechos é possível perceber a complexidade do material poético com o qual os estudiosos têm trabalhado nos últimos anos. Fernando Pessoa é muitos em um, dentre os heterônimos temos, a partir de descrições feitas por Leyla Perrone-Moisés em

¹ Na carta de 13 de janeiro de 1935 direcionada a Adolfo Casais Monteiro, o poeta faz referência ao termo: “Isto explica, tant bien que mal, a origem orgânica do meu heteronimismo.”

sua obra “Aquém do eu, além do outro” (2001), Alberto Caeiro como um Mestre bucólico, Ricardo Reis como um neoclássico estoico e Álvaro de Campos como um poeta futurista. Nesta monografia pretendo me debruçar a fundo apenas em um deles: Álvaro de Campos.

Como nos conta Fernando Pessoa, Álvaro de Campos foi concebido em Tavira, no sul de Portugal, na data de 15 de outubro 1890, – curiosamente dia do aniversário de 46 anos do filósofo *Friedrich Nietzsche*, principal pensador da teoria niilista, futuramente remetida em diversos textos de Álvaro de Campos. O poeta estudou em Lisboa e depois se forma como um engenheiro naval, em Glasgow, na Escócia. Ele viveu e viajou por vários lugares, incluindo Portugal, Inglaterra e África. Em uma dessas viagens conheceu o heterônimo cujo chama de mestre: Alberto Caeiro. Caeiro é o centro da mitologia que envolve a obra de Fernando Pessoa, como muito bem nos explicam Jerônimo Pizarro e Patricio Ferrari:

Com a entrada em cena dos três heterônimos – Alberto Caeiro, Álvaro de Campos (cf. 102) e Ricardo Reis (cf. 103) -, assim denominados por Fernando Pessoa em 1928, embarcamos numa nova fase da viagem pessoana pela alteridade, caracterizada pela construção de uma mitologia pessoal, ou seja, pelo brotar de um conjunto de mitos e de explicações de mitos, sendo cada um desses mitos, quer a figura individual de cada heterônimo, a sua vida e a sua obra, quer o universo por eles concebido, depois de definidas as diferenças e encetada a “discussão em família”. Caeiro será, sem dúvida, a figura central dessa mitologia. É-o, porque surge após um momento de epifania – o chamado “dia triunfal” – porque a partir de si se desdobram Campos e Reis, e até mesmo Pessoa – o poeta afirma que nesse dia apareceu ante si o seu Mestre -, e por ser fervorosamente evocado, apresentado e sublimado por todos. (Pizarro, Jerônimo. Ferrari, Patricio. 136 pessoas de Pessoa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2017, pág. 381)

Apesar de tê-lo como seu mestre, Campos não se assemelha completamente a Caeiro, eles discordam diversas vezes em questões literárias e filosóficas. Por exemplo, o primeiro é influenciado por teorias científicas modernas e suas reflexões a respeito da vida são mais abstratas e metafísicas, enquanto o segundo é um poeta-pastor, um guardador de rebanhos, ele é objetivo e acredita que a verdade pode ser observada na natureza e nas sensações. Álvaro de Campos carrega o aprendizado da filosofia do chamado “sensacionismo”, porém acaba por encarar a mesma de uma forma diferente de Caeiro. Conseguimos perceber esta diferença quando observamos trechos de alguns dos poemas mais famosos de cada um dos poetas: “Tabacaria”, de Álvaro de Campos, e “O Guardador de Rebanhos”, de Alberto Caeiro.

[...]

Saio da janela, sento-me numa cadeira. **Em que hei-de pensar?**

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?

Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!

E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!

Génio? Neste momento

Cem mil cérebros se concebem em sonho génios como eu,

E a história não marcará, quem sabe?, nem um,
Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.
[...] (CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944. pág. 252. **Grifo meu**)

Há metafísica bastante em **não pensar em nada**.

O que penso eu do Mundo?
Sei lá o que penso do Mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que ideia tenho eu das coisas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do Mundo?
Não sei. **Para mim pensar nisso é fechar os olhos**
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

[...]
(CAEIRO, Alberto. O Guardador de Rebanhos. 1ª publ. in Athena, nº 4. Lisboa: Jan. 1925. **Grifo meu**)

As partes destacadas nas estrofes acima evidenciam diferentes perspectivas que Alberto Caeiro e Álvaro de Campos possuíam a respeito do mundo. Para Álvaro de Campos, o pensamento era considerado uma necessidade para que pudesse não somente experimentar sensações, mas também se sentir parte integrante do mundo. Caeiro, por outro lado, sustentava que não pensar em nada era a melhor maneira de vivenciar as sensações do mundo sensível, tais como o toque, o olfato e a visão.

Para ele, refletir sobre o próprio pensamento seria uma enfermidade, acarretando a perda das sensações reais que o mundo oferece. Destaco a presente discrepância, pois, uma vez que, tendo-a como referencial, torna-se possível compreender com maior precisão o ponto de partida da poesia de Campos. Apesar de parecer trivial, essa diferença evidencia a complexidade, a opção pela utilização de uma linguagem elaborada, a constante preocupação com o tempo e o espaço, e as reflexões filosóficas mais abstratas e metafísicas presentes em seus poemas. Tendo este conhecimento prévio, torna-se mais fácil, ao longo desta monografia, analisar um de seus poemas com maior familiaridade.

Por mais que sua poesia transcenda qualquer classificação dentro de movimentos estéticos ou fases específicas, podemos compreender Álvaro de Campos como um poeta de ‘momentos’, por assim dizer. Ele aparece a público como um poeta decadentista, o que, se fôssemos alegar como ‘fase’, seria a primeira. O poema que inaugura esta fase é o chamado “Opiário”. O autor Fernando Martins Cabral, fala em seu livro “Introdução ao Estudo de

Fernando Pessoa” (2017) sobre o poema: “Essa construção é levada a cabo com um cuidado poético minucioso, pois o poeta decadente tem de ser compatível com o sensacionista, embora dele se distinga”. Em outras palavras, Álvaro de Campos emprega uma minuciosa construção textual para relatar sua experiência pessimista e tediosa do mundo, estabelecendo uma relação entre essa visão e as sensações que lhe evocam sentimentos negativos:

[...] Deixe-me estar aqui, nesta cadeira,

Até virem meter-me no caixão.
Nasci pra mandarim de condição,
Mas falta-me o sossego, o chá e a esteira.

Ah que bom que era ir daqui de caída
Prà cova por um alçapão de estouro!
A vida sabe-me a tabaco louro.

Nunca fiz mais do que fumar a vida.
E afinal o que quero é fé, é calma,
E não ter estas sensações confusas.

Deus que acabe com isto! Abra as eclusas —

E basta de comédias na minh’alma!

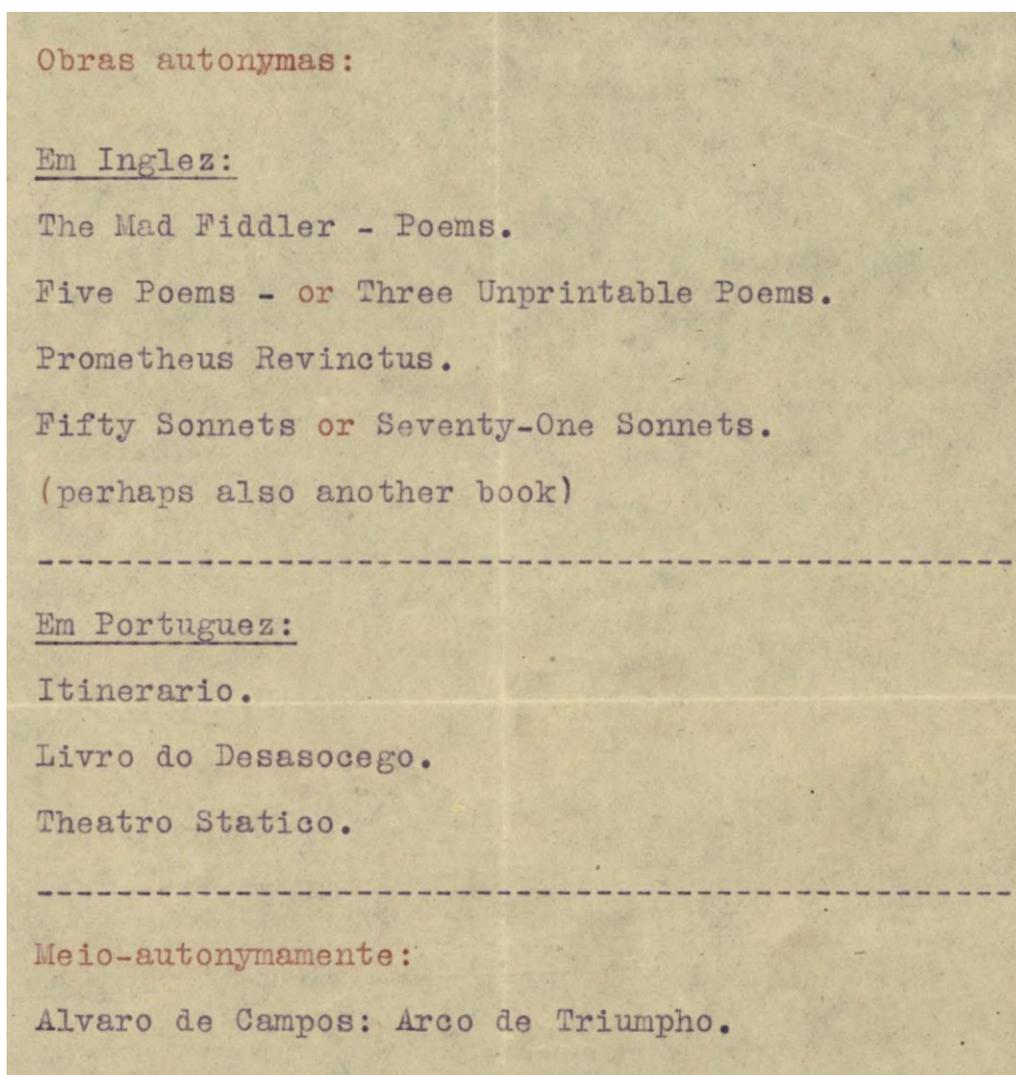
(CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944. pág. 252. Grifo meu)

A linguagem fragmentada e desconstruída do poema sugere uma certa desintegração da identidade e da consciência do sujeito, o que pode ser visto como uma crítica à própria concepção decadentista do indivíduo como um ser autônomo e transcendental.

O segundo momento ao qual podemos relacionar a poesia de Álvaro de Campos seria a sua “fase futurista/modernista”. Desde sua estreia na revista *Orpheu* ele foi associado ao movimento futurista e às vanguardas, e influências como Walt Whitman também são importantes para compreender esse momento de extensa produção literária do heterônimo. Nesta fase é o momento em que ele adere ao movimento sensacionista, sendo muito influenciado por seu mestre Alberto Caeiro. Algumas das produções mais importantes de Campos nesta fase são suas odes: a marítima e a triunfal. Essa é a maneira a qual ele é apresentado ao público

O terceiro momento é o que chamam ‘intimista’, neste momento nos aproximamos do ‘interior’ de Álvaro de Campos. Esta é a fase em que conhecemos um de seus poemas mais famosos: “Tabacaria”. Neste momento encontramos eu líricos melancólicos, nostálgicos e pessimistas. É onde mais podemos visualizar características niilistas que estão presentes ao longo de sua obra, mas que nesta fase ficam à mostra.

A partir dessa breve abordagem sobre o autor e seus heterônimos, é possível constatar que compreender e analisar a poesia de Fernando Pessoa não é tarefa fácil, tampouco a de seus heterônimos. Cada um apresenta suas próprias fases e momentos, havendo frequentemente variações nas narrativas construídas ao longo dos anos de publicação. Ao se tratar de Álvaro de Campos algumas coisas são ainda mais complexas do que com os outros heterônimos, visto que ele é muitas vezes dito como o ‘mais parecido’ (por meio de como se porta na escrita) com Fernando Pessoa. Inclusive o próprio autor chegou a afirmar em um de seus datiloscritos que Campos encaixou-se em determinado momento do tempo de forma ‘meio-autonyma’, ou seja ainda não era uma personalidade fictícia ‘independente’. Abaixo apresento o documento referido acima:



(BNP/E-3, cota 48B-64^r)

Considerando tal reflexão, é perceptível que cada poema pode representar uma oportunidade para explorar o conjunto de ideias que permearam Fernando Pessoa ou suas

personalidades fictícias. Isto não se limita ao âmbito literário, mas também permite que imaginemos como o autor desejaria que seu público percebesse como encarava a vida real.

Tendo esta reflexão optei por explorar a obra de Álvaro de Campos a partir de um dos seus poemas menos conhecidos. Ele me chamou a atenção por ter como título o nome de um personagem presente na cultura pop dos anos 2020: “Demogorgon”. Nas próximas partes desta monografia farei a análise dele vinculando com o restante da obra datada em épocas próximas e assinadas por Campos. Nesta análise levarei em conta o contexto histórico, correntes filosóficas e a imagem vinculada ao heterônimo.

2. DESENVOLVIMENTO: UMA LEITURA DE ÁLVARO DE CAMPOS A PARTIR DO POEMA “DEMOGORGON”

Conforme mencionado nos parágrafos anteriores, prosseguirei com uma análise do poema intitulado "Demogorgon", a fim de abordar temas recorrentes neste e em outros poemas do autor Álvaro de Campos. Este referido poema atraiu minha atenção principalmente por seu título. Sabemos que muitas vezes o título não expressa integralmente o conteúdo de um poema, tampouco abarca seu tema central, mas tendo em vista a recorrência deste nome na cultura pop no século XXI, tento compreender a razão desta criatura mitológica ser o título do poema. É por ser um monstro? Por ser uma deidade? Qual foi o tema que o Álvaro de Campos queria abordar neste poema para nomeá-lo desta maneira? Claro que nunca teremos certeza, mas a pesquisa partindo da dúvida se tornou estimulante.

O poema “Demogorgon” data de 1928, para ser mais exata: 12 de abril de 1928, aproximadamente 3 meses após Álvaro de Campos escrever Tabacaria. Ele é composto por 4 estrofes de rimas irregulares e formatação também irregular. Segue abaixo o poema na íntegra:

DEMOGORGON

Na rua cheia de sol vago ha casas paradas e gente que anda.
Uma tristeza cheia de pavor esfria-me.
Pressinto um acontecimento do lado de lá das frontarias e dos
movimentos.

Não, não, isso não!
Tudo menos saber o que é o Mystério!
Superficie do Universo, ó Palpebras Descidas,
Não vos ergaes nunca!

O olhar da Verdade Final não deve poder suportar-se!
Deixae-me viver sem saber nada, e morrer sem ir saber nada!
A razão de haver ser, a razão de haver seres, de haver tudo,
Deve trazer uma loucura maior que os espaços
Entre as almas e entre as estrelas.

Não, não, a verdade não! Deixae-me estas casas e esta gente;
Assim mesmo, sem mais nada, estas casas e esta gente...
Que bafo horrível e frio me toca em olhos fechados?
Não os quero abrir de viver! Ó Verdade, esquece-te de mim!
(CAMPOS, Álvaro de. Demogorgon, In: Obra Completa de Álvaro de Campos, Tinta-Da-China, 2015)

Ao nos debruçarmos sobre este poema, logo em uma primeira leitura, nos chama atenção o seu título, uma figura mitológica conhecida como deidade e ou demônio em diversas culturas. Não há uma base mitológica sólida que trate do termo, mas é uma figura associada, inclusive na cultura pop, ao caos, ao mistério, o desconhecido e à escuridão. Em diversas obras ele é retratado como o governante do submundo. De acordo com o autor Jean Seznec, em sua obra “Survival of the Pagan Gods” (1940): “Demogorgon is a grammatical error, become god”². Existe uma teoria que defende que o termo ‘Demogorgon’ não passou de um erro gramatical e posteriormente foi atribuído por Giovanni Boccaccio como o antecedente de todos os Deuses:

“Theodontius was probably a philosopher of Campanian origin who wrote between the ninth and eleventh centuries. He furnished Boccaccio with the debris of a curious and very mixed tradition; he knew the Olympic pantheon, but there are also signs of a syncretistic mythology, memories of the cosmogonic speculations of the Greek philosophers, and even fragments of a Greek historian of the fourth century B.C. It is to Theodontius **that Boccaccio owes his famous "Demogorgon," whom he presents as founder of the whole race of gods, but of whom classical antiquity never heard.**” (SEZNEC, Jean. Survival of Pagan Gods. Tradução: SESSIONS, Barbara. Princeton University Press, 1972, Grifo meu)³

Atualmente, no contexto dos jogos de RPG, especificamente “Dungeons and Dragons”, o monstro se autointitula como o “Príncipe dos demônios”. Definição bem parecida com a de Boccaccio. Outro autor que cita Demogorgon foi John Milton, autor inglês, em seu poema *Paraíso Perdido* (1667), em que também é apresentado como um ser demoníaco.

Não há como garantir, mas ao estudar Fernando Pessoa e seus heterônimos começo a pensar que nada que ele faz ou escreve é à toa, ou pura coincidência. Portanto creio que ter essa figura mitológica como título do poema é de extrema profundidade. O autor Américo da Costa Ramalho, na revista Panorama, IV série, 5 (3/1963) diz que:

Foi através das suas leituras inglesas, e não das helénicas, que FP conheceu “Demogorgon” (termo que, aliás, nunca ocorreu em grego): a estranha divindade,

² Demogorgon é um erro gramatical, tornou-se Deus. (Tradução minha)

³ Theodontius provavelmente foi um filósofo de origem Campaniana que escreveu entre os séculos IX e XI. Ele forneceu a Boccaccio o que restou de uma curiosa e misturada tradição; ele conheceu o Panteão, porém também há indícios de uma mitologia com sincretismo e lembranças das especulações cosmogônicas dos filósofos gregos e até fragmentos de um historiador grego do século IV a.C. É a Theodontius que Boccaccio deve o seu famoso “Demogorgon”, apresentado por ele como o fundador de toda a raça dos deuses, mas de quem a antiguidade clássica nunca ouviu falar. (Tradução minha)

também citada no “Fausto”, foi inventada por Boccaccio e é personagem importante na obra de Shelley, Marlowe e Milton.

Sendo assim, o título por si só já abre margem para o início de uma análise, um Deus que não é um Deus, um demônio que não é um demônio, um Deus que é um demônio ao mesmo tempo... há uma dualidade no título que perpassa todo o resto do poema. O lado de cá e o lado de lá, a verdade e a mentira, o ‘Mysterio’ e a ‘Verdade’. Uma maneira de interpretar e correlacionar o título com o poema é a de que o Demogorgon, por ser uma deidade, um demônio, uma figura que representa o caos, pode ser o detentor de toda verdade, representando esse ‘Mystério’ que o eu lírico deseja evitar.

O poema segue uma estrutura livre, não utiliza de um esquema métrico específico ou uma rima regular, como dito anteriormente. Ele possui versos que ajudam a transmitir essa sensação de desconforto expressada pelo eu lírico. É possível observar o incômodo dele ao descobrir o chamado ‘Mysterio’ ou ‘Verdade Final’. Há uma angústia, comum na poesia de Álvaro de Campos, em talvez descobrir o que existe ‘do lado de lá das frontarias e movimentos’. Em cada estrofe podemos perceber um apelo do eu lírico que ganha ênfase por meio do uso de pontuação ou de advérbios, como, por exemplo: “Não, não, isso não! / Tudo menos saber o que é o Mysterio!”. Ambos os versos são encerrados com um ponto de exclamação, que é utilizado para expressar emoções. Neste caso eles refletem medo, angústia, quase como um pedido ou apelo. Há também o advérbio de negação “não” repetido diversas vezes e a dupla de advérbios “tudo” e “menos” onde o primeiro intensifica o segundo.

O poema constrói uma espécie de narrativa. Partindo do ponto em que o eu lírico se encontra, na primeira estrofe temos estabelecido a cena narrada no poema e o estado emocional dele. Enquanto anda pela rua, que na aparência é comum, na imaginação ou no interior do eu lírico, ele começa a desconfiar de que algo ruim pode acontecer. Essa antecipação do que está por vir é o que causa a negação veemente e reforçada pelo uso repetido do advérbio “não” na segunda estrofe. Na terceira estrofe, é abordado a aversão do eu lírico a esse ‘Mystério’ e a essa ‘Verdade Final’, e não sabemos a quem ele está direcionando esta mensagem, se é a si mesmo, a sua mente, ao Demogorgon, ao universo..., mas sabemos que ele prefere a ignorância a desvendar o que há por trás de suas pálpebras fechadas. Ele suplica que essa Verdade Final o esqueça e o deixe viver a vida comum, com as casas paradas e gente que anda. Esta descrição me faz lembrar do futurismo, uma das vanguardas europeias que fala de movimento. É como se o eu lírico estivesse parado em uma rua cercado pela velocidade da verdade que parece o engolir.

2.1.1. UMA TRILHA PELOS POEMAS DE 1928

Devemos pensar no contexto histórico que cerca esse poema. Álvaro de Campos o escreveu em 1928, o mundo havia passado por uma crise do discurso religioso no século anterior, trazendo para o século XX o alvorecer do discurso científico e com ele uma crise de sentido transcendente, envolta por uma carência ontológica do mundo. Neste momento há a carência de um sentido para viver. É como se o eu lírico ficasse tão envolto nesta velocidade da realidade que não quer compreender de fato o que o leva a viver. Este poema poderia se encaixar na fase que denominei intimista no início deste texto, onde o eu lírico se apresenta melancólico e desencantado com o mundo a sua volta, sempre rodeado pela angústia de estar ali. Ainda que “Tabacaria” tenha sido publicado apenas em 1933, ele foi escrito 3 meses antes de “Demogorgon”, e ambos abordam o ‘Mysterio’ ou ‘Mistério’.

“Demogorgon”, como outros poemas datados próximos a ele, não é um dos mais estudados nem abordados, porém também traz temas recorrentes que nos ajudam a compreender melhor a abordagem de Álvaro de Campos nesta época. O meu recorte temporal se concentra no ano de 1928, visto que nele há um dos poemas mais centrais da obra do autor, “Tabacaria”, e isto trará uma boa margem para discussão e análise nesta monografia.

Neste ano Álvaro de Campos escreveu diversos poemas, listo abaixo alguns deles em ordem cronológica:

Título ou Incipt	Data em que foi escrito
Tabacaria	15-01-1928
Apostilla	11-04-1928
Demogorgon	12-04-1928
Addiamento	14-04-1928
“Mestre, meu mestre querido!”	15-04-1928
“Às vezes medito,”	29-04-1928
Na última página de uma antologia nova	01-05-1928

“No ocaso, sobre Lisboa, no tédio dos dias que passam,”	01-05-1928
“Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,”	11-05-1928
“Na noite terrível, substância natural de todas as noites,”	11-05-1928
Nuvens	13-05-1928
Nocturno de dia	16-06-1928
<<the times>>	16-08-1928
Canção à Inglesa	01-12-1928
Canção Abrupta	01-12-1928

Como dito anteriormente, nem todos foram publicados exatamente na data em que foram escritos. Tabacaria, por exemplo, só foi publicado 5 anos depois. Porém, o momento em que foram escritos reflete muito o conteúdo que neles está inserido. Nesse estudo pretendo verificar se existem temas recorrentes nas obras deste período que nos permitam explorar o Álvaro de Campos de 1928 ou se foram apenas poemas soltos que não contemplam nenhum traço que nos auxilie a compreender melhor este heterônimo e a sua produção da época. A base de análise serão alguns temas explorados em “Demogorgon”, ponto de partida desse estudo, e para isso também utilizarei os seguintes poemas do primeiro semestre de 1928 (época de maior produção do heterônimo neste ano: foram escritos 12 poemas no primeiro semestre e 3 no segundo):

1. “Tabacaria”
2. “Apostilla”
3. “Addiamento”
4. “Mestre, meu mestre querido!”
5. “Às vezes medito,”
6. “Na última página de uma antologia nova”
7. “No ocaso, sobre Lisboa, no tédio dos dias que passam,”
8. “Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,”

9. “Na noite terrível, substância natural de todas as noites,”
10. “Nuvens”
11. “Nocturno de dia”

Alguns temas que aparecem, ainda que indiretamente, nesses poemas de 1928 são: o niilismo, a angústia, o mistério, o desencantamento com o mundo e a procrastinação. Esses temas compartilham uma perspectiva negativa em relação à existência e ao mundo, eles estão interconectados por suas perspectivas questionadoras em relação à existência, aos valores e ao mundo em geral. Eles refletem uma visão crítica que busca compreender e enfrentar a complexidade, o vazio e a incerteza da experiência humana. Embora escritos em 1928, estes poemas parecem fazer parte do que chamei no início deste texto de ‘fase intimista’, momento em que podemos perceber algumas características não tão rasas do heterônimo Álvaro de Campos. Estes temas também podem ser percebidos em “Demogorgon”, demonstrando que embora os poemas não se interrelacionem, quem o escreveu pretendia expor em cada um deles, e de formas diferentes, temas que rondavam frequentemente seu universo.

Pensando a respeito dos temas que citei acima, começo pelo niilismo, que pode ser descrito como uma filosofia que nega a existência de valores objetivos, significado ou propósito na vida e na existência humana. Essa filosofia argumenta que as ideias e construções humanas são arbitrárias e que não há nada intrinsecamente verdadeiro ou valioso no universo. Esta teoria acaba por englobar e resultar nos outros temas explorados, por mais que sejam filosofias diferentes; as ideias de desencantamento do mundo, de angústia e procrastinação, podem ser resultadas de uma experiência niilista e estão vívidas dentro do conceito, por isso abordá-lo antes guiará esta monografia em um fluxo conciso. O principal precursor do niilismo foi Friedrich Nietzsche, curiosamente, nascido no mesmo dia e mês que Álvaro de Campos. Ainda que a bibliografia de Nietzsche fosse pouca na biblioteca de Pessoa, o autor também leu as teorias dele ainda que indiretamente, e por isso é possível perceber a influência de sua temática, nos poemas de Pessoa e nos de seu heterônimo Álvaro de Campos. Inclusive, em seu texto “Apontamentos para uma estética Não-Aristotélica” (Athena, 1924; Campos, 1997) o heterônimo se mostra influenciado pelos princípios do filósofo, conforme afirma Richard Zenith em seu ensaio “Uma leitura Nietzscheana de Pessoa e os Heterônimos”:

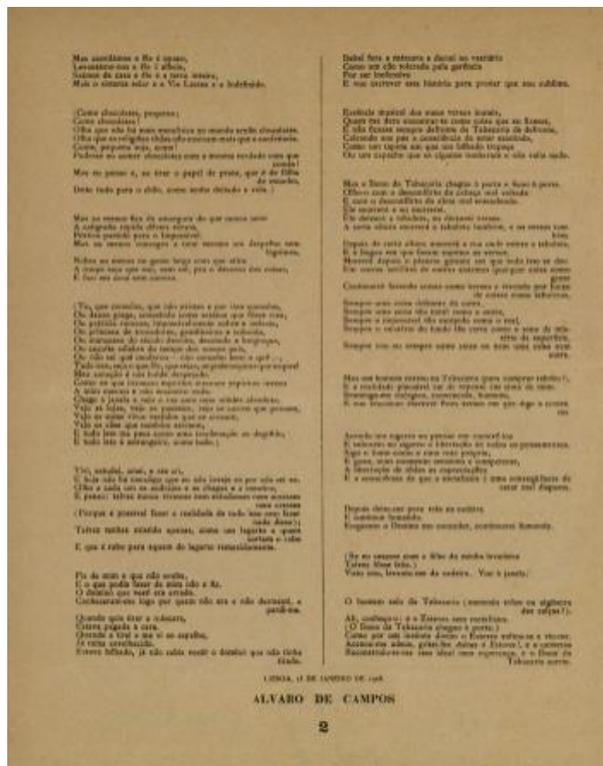
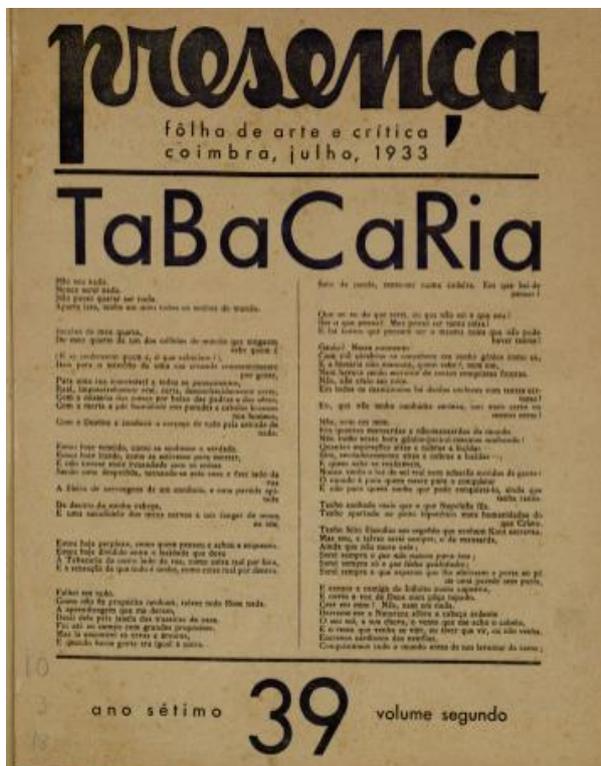
Algo parecido ocorre no universo de Pessoa, onde Álvaro de Campos, o heterônimo mais sensual, impetuoso e transgressor – aquele que está mais perto do ideal dionísico -, acaba por dominar o palco. Que este heterônimo terá sido influenciado, ou pelo menos inspirado, pelo princípio nietzscheano da vontade de poder, é atestado pelo seu artigo <<Apontamentos para uma Estética Não-Aristotélica>>(Athena, 1924; Campos, 1977), em que define a arte com <<um esforço para dominar os outros>> e

preconiza uma estética baseada na força em vez da beleza. (ZENITH, Richard. Uma leitura Nietzscheana de Pessoa e os Heterónimos. In: Nietzsche e Pessoa ensaios. Tinta-da-china. Lisboa, 2016)

Sabendo que o autor de “Demogorgon” possuía em sua estética literária pontos influenciados por Nietzsche, é possível acreditar que os que trazem à tona o nihilismo nesses poemas de 1928 não são pura coincidência.

2.1.2. “Tabacaria”

Começemos então pelo primeiro poema da tabela apresentada acima, que dentre os listados é um dos mais conhecidos de Campos: “Tabacaria”. Ele foi publicado na íntegra em 1933, na revista Presença, ocupando duas páginas da revista:



Revista Presença, Nº 39, Ano 7º, V.2.

O poema já começa dando ênfase na negação da própria existência, do ‘ser algo’, é como se o eu lírico estivesse se sentindo perdido e sem propósito, ressoando o vazio e a falta de sentido associados ao nihilismo, de certa forma angustiado por ter todos os sonhos do mundo:

Não sou nada.
 Nunca serei nada.
 Não posso querer ser nada.
 À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

(CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944. pág. 252)

Ao longo do poema conseguimos ver o cenário descrito pelo eu lírico: ele está dentro do seu quarto, observando a rua e a vida pelas janelas. Essa visão lhe traz pensamentos que lhe trazem sentimentos que geram diversas sensações. Ele expressa a sua perplexidade diante da vida cotidiana e sua sensação de derrota e desencanto com a realidade. O eu lírico nos apresenta uma dualidade entre a sensação de que tudo é ilusório e a concretude do mundo exterior. É como se a ‘verdade’ – que também aparece no poema – estivesse diante de sua retina e causando a sensação de mediocridade e falta de propósito. Se lembrarmos da sensação de horror do eu lírico de “Demogorgon” em saber o que está por trás dessa ‘verdade’ e do ‘mystério’ que ronda o mundo, podemos relacionar a esses sentimentos gerados no eu lírico de “Tabacaria”, inclusive ambos os eu líricos têm essa percepção ao simplesmente observar uma rua:

Janelas do meu quarto,

Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),

Dais para **o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,**

Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,

Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,

Com **o mistério das coisas** por baixo das pedras e dos seres,

Com a morte a pôr humidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,

Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.

Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,

E não tivesse mais irmandade com as coisas

Senão uma despedida, tomando-se esta casa e este lado da rua

A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada

De dentro da minha cabeça,

E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e esqueceu.

Estou hoje dividido entre a lealdade que devo

À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,

E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

(CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944. pág. 252. **Grifo meu.**)

Ao longo do poema continuamos a perceber o sentimento de impotência e fracasso, como se realmente não houvesse mais um propósito na vida deste eu lírico. Alguns elementos niilistas e de desencantamento de mundo que são refletidos no poema por meio destes sentimentos são perceptíveis por meio da descrição pelo eu lírico de que o mundo é para aqueles que nascem para conquistá-lo e não para os que sonham com isso, voltando novamente à dualidade entre sonho e concretude.

Apesar do teor extremamente niilista contido na estética deste poema, verifica-se também uma luta contra ele. O eu lírico claramente não está confortável com essa visão, ele busca o tempo todo momentos da concretude que possam levá-lo de volta para longe dessa verdade, como o ato de comer chocolates:

(Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folhas de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)
(CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática,
1944. pág. 252)

Os parênteses também marcam graficamente este momento de pausa, como se o eu lírico estivesse saindo do turbilhão de pensamentos que o atingem para analisar este pequeno ato de comer chocolates. Outros momentos do poema também são marcados da mesma maneira:

(Tu, que consolas, que não existes e por isso consolas,
Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,
Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,
Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,
Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,
Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,
Ou não sei quê moderno — não concebo bem o quê —,
Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!
Meu coração é um balde despejado.
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)
(CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática,
1944. pág. 252)

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.
(CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática,
1944. pág. 252)

Podemos perceber que essa marca gráfica representa uma fuga do eu lírico de dentro do seu turbilhão, ela registra a dualidade intrínseca entre concretude e sonho, que está nele e que perpassa todo o poema. É ao ver a menina ‘comendo chocolates’, é ao observar ‘as lojas, os passeios, os entes vivos e os cães’, é ao ver alguém ‘comprar tabaco’ que ele sai do turbilhão. Ou seja, é o ato concreto que faz com que ele abandone, ainda que por segundos, o turbilhão que o atinge. Nesse trecho acima citado, podemos verificar elementos niilistas, ainda que ele esteja ‘fora’ disto que chamei de turbilhão. Em “Tu, que consolas, que não existes e por isso consolas”, vemos o indício da descrença no poder de entidades imaginárias ou divinas, bem como a negação de uma realidade objetiva ao mencionar figuras idealizadas como Deusas

Gregas e Princesa de Trovadores. Dessa forma ele sugere que não existem fundamentos sólidos ou verdades absolutas. Esta forma de pensar influi em qualquer pessoa um desencantamento com o mundo que conhecemos, é como se ele estivesse alheio e estranho ao mundo que o rodeia.

Este desencantamento permeia ao longo do poema. Vemos o eu lírico observar a vida cotidiana e se sentir extremamente desconfortável com tudo que vê, gerando nele sentimento de desilusão e desesperança. Para encerrá-lo temos outro momento de ‘consciência’ da concretude por parte do eu lírico:

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
Talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.
O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus gritei-lhe *Adeus ó Esteves!*, e o universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.
(CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944. pág. 252)

Ele sai de sua introspecção e reflete sobre a sua realidade imediata ao cumprimentar o dono da tabacaria que está do outro lado da rua. Nesse momento, parece que o niilismo e todo o sentimento de desencantamento do mundo, apresentado nos momentos anteriores do poema, se dissolvem e o universo se reconstrói para ele, ainda que ele permaneça com marcas, sem ideal nem esperança.

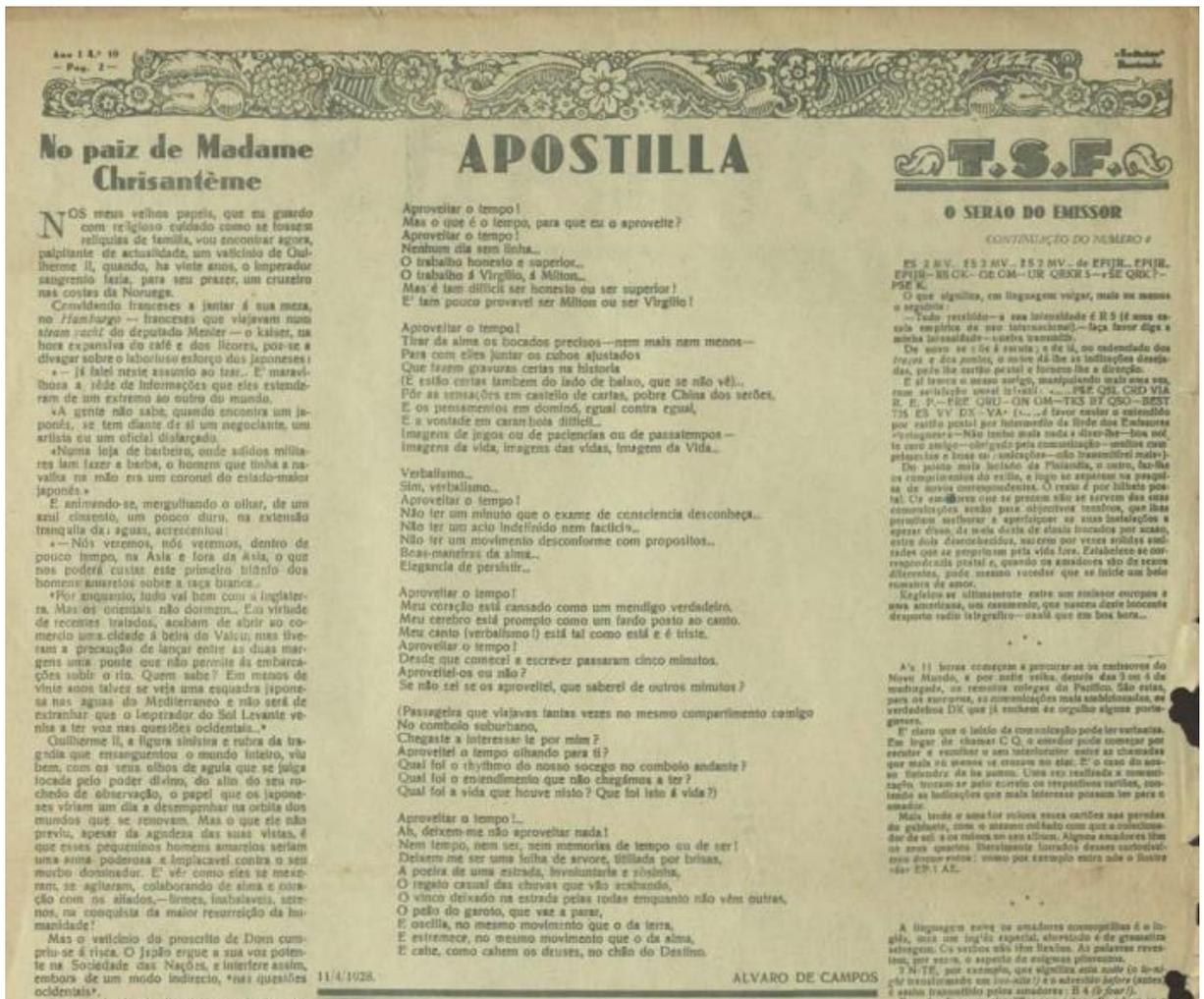
Alguns assuntos como a metafísica das sensações também aparecem no poema, porém preferi me ater às questões dos temas citados anteriormente, permanecendo com o foco de construir uma leitura de Álvaro de Campos em 1928 por temáticas presentes nos diversos poemas, visto que, se explorasse alguns temas diferentes, traria uma complexidade não esperada e a necessidade de um aprofundamento maior.

2.1.3. “Apostila”

O segundo poema da tabela é “Apostilla”. Ele é datado de 11-04-1928, ou seja, um dia antes do autor escrever “Demogorgon”. Ele foi publicado em maio do mesmo ano no jornal “O notícias ilustrado”⁴, na edição de Ano 1, Número 10⁵, ocupando parte do meio da página 2:

⁴ De acordo com a cronologia disponível no site da Casa Fernando Pessoa e elaborada por Richard Zenith, Pessoa continuou a colaborar com o jornal assiduamente nos dois anos seguintes (1929 e 1930).

⁵ Esta edição está disponível em hemerotecadigital.cm-lisboa.pt.



Nesse poema, assim como em “Tabacaria” e “Demogorgon”, encontramos um eu lírico um tanto quanto desencantado com a vida, angustiado diante da existência. Eles têm em comum a busca por um propósito e o ato falho de não conseguirem alcançar estes padrões elevados, como as figuras de Virgílio e Milton citadas em “Apostilla”:

Aproveitar o tempo!
 Mas o que é o tempo, para que eu o aproveite?
 Aproveitar o tempo!
 Nenhum dia sem linha...
 O trabalho honesto e superior...
 O trabalho à Virgílio, à Milton...
 Mas é tão difícil ser honesto ou superior!
 É tão pouco provável ser Milton ou ser Virgílio!
 (CAMPOS, Álvaro de. *Apostilla*, In: *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1944. Pág. 261)

Essa falta de propósito pode ser associada ao niilismo e ser o ponto chave para despertar o desencanto, a angústia e até a procrastinação em alguém. Em “Apostilla”, encontramos uma clara alusão a ideia de ‘tempo’, uma série de dúvidas e afirmações que permeiam o poema e são compostos por esta temática. Há uma desvalorização das ações e do próprio tempo, há

uma indagação a todo o tempo sobre o ‘sentido’ de aproveitá-lo, sugerindo sempre uma dúvida sobre a relevância dessa ação. Essa reflexão faz com que o eu lírico se perca em divagações e sugerem um adiamento das ações concretas (novamente a dualidade da concretude e do pensamento).

Esses temas são bem explorados ao longo do poema. Ele utiliza metáforas que tornam a leitura leve, mas que revelam um desejo de escapar do tempo e do ser, de abandonar a noção de memórias e de se tornar algo efêmero e insignificante, como uma folha de árvore ou a poeira de uma estrada:

Aproveitar o tempo!
Ah, deixem-me não aproveitar nada!
Nem tempo, nem ser, nem memórias de tempo ou de ser!...
Deixem-me ser uma folha de árvore, titilada por brisa,
A poeira de uma estrada involuntária e sozinha,
O vinco deixado na estrada pelas rodas enquanto não vêm outras,
O pião do garoto, que vai a parar,
E oscila, no mesmo movimento que o da alma,
E cai, como caem os deuses, no chão do Destino.
(CAMPOS, Álvaro de. Apostilla, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944. Pág. 261)

Esses versos revelam exatamente o que explicitarei no parágrafo anterior, essas renúncias sugerem uma visão niilista, em que os esforços para aproveitar o tempo e encontrar significado são vistos como fúteis. Esse eu lírico e o de “Tabacaria” se assemelham em diversos pontos: a forma de ver a realidade concreta e a dificuldade de lidar com o pensamento que os aborrecem são alguns deles. É como se eles já soubessem da Verdade que atormenta o eu lírico de “Demogorgon”.

Em “Apostilla”, Álvaro de Campos também utiliza a marca gráfica dos parênteses para expor uma espécie de ‘teletransporte’ do eu lírico para outro campo do pensamento como em “Tabacaria”:

(Passageira que viajaras tantas vezes no mesmo compartimento comigo
No comboio suburbano,
Chegaste a interessar-te por mim?
Aproveitei o tempo olhando para ti?
Qual foi o ritmo do nosso sossego no comboio andante?
Qual foi o entendimento que não chegámos a ter?
Qual foi a vida que houve nisto? Que foi isto a vida?)
(CAMPOS, Álvaro de. Apostilla, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944. Pág. 261)

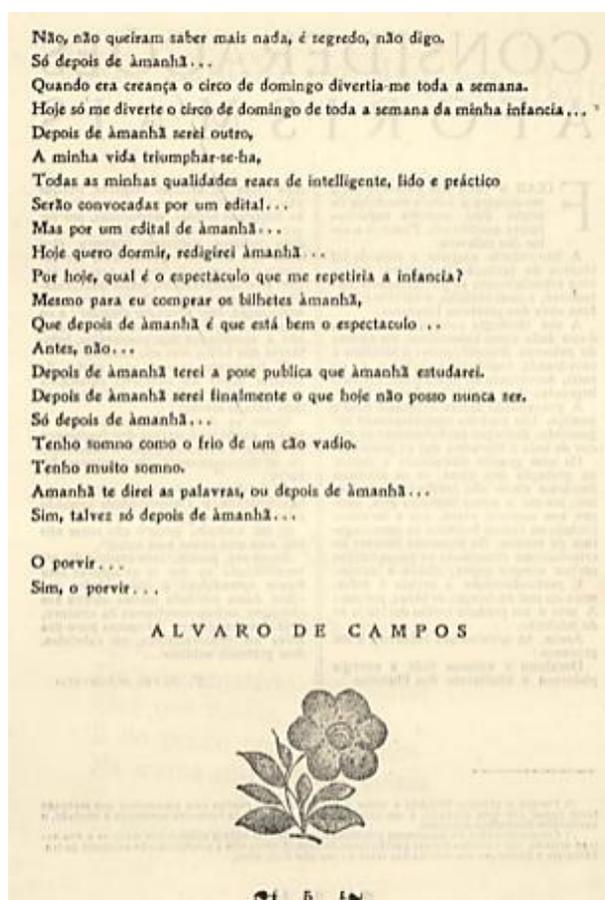
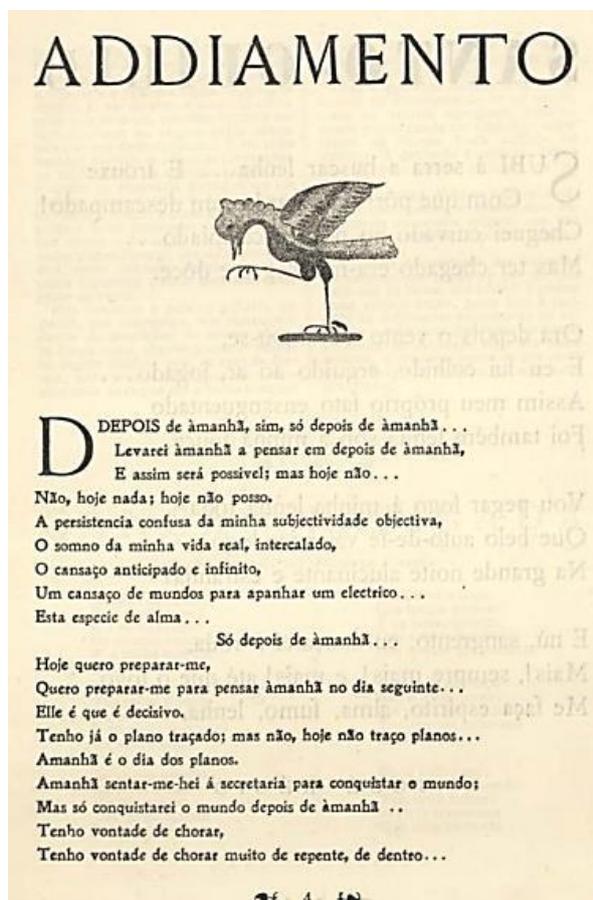
Neste trecho, ainda que ele esteja fazendo um ‘parênteses’ na sua reflexão anterior, continua refletindo, porém a partir de uma situação concreta da vida cotidiana. Ao estar defronte com a outra passageira, ele projeta em sua mente uma série de indagações a respeito do

significado de tudo aquilo: das viagens no mesmo compartimento que a moça, o tempo que ele utilizou para observá-la, se houve de fato uma conexão, o ‘ritmo do sossego’... perguntas essas que o deixaram frustrado e angustiado. Ele expressa uma profunda reflexão sobre a existência e o propósito dos encontros e interações humanas para ‘a vida’. Por isso a pergunta: “Qual foi a vida que houve nisto? Que foi isto a vida?”.

Em suma, assim como “Demogorgon” e “Tabacaria” este é uma poema formado por reflexões a respeito da vida e do mundo que cercam esse eu lírico e sobre os pensamentos que rodeiam essa concretude. “Apostilla” aborda a dificuldade em aproveitar o tempo corretamente, de forma significativa na busca por um sentido na vida, de maneira que a verdade desta dificuldade agrega cansaço emocional, ceticismo e desencanto no eu lírico.

2.1.4. “Addiamento”

O terceiro poema que auxiliará nessa viagem pela poesia de Álvaro de Campos em 1928, será o “Addiamento”. Ele data de 14-04-1928, dois dias depois de “Demogorgon” ter sido escrito. A primeira publicação deste poema ocorreu em 1929, na revista Solução Editora⁶, N^o1:



⁶ Os números desta Revista se encontram disponíveis na Biblioteca Nacional de Portugal.

Mais do que os outros 3 poemas já analisados nesta monografia, “Addiamento” já diz em seu título o principal enredo de seu eu lírico: deixar as coisas para depois. No vocabulário do século XXI, ouvimos muito falar nisso com o termo ‘procrastinação’. O hoje nunca é o dia certo para realizar a ação, mas sim o amanhã. Porém há um risco nisso tudo, porque depois de amanhã, existe um outro amanhã, e a pessoa pode ficar presa nesse ciclo vicioso.

No poema, podemos perceber uma sucessão de justificativas para evitar a ação no presente, da mesma maneira que o eu lírico de “Demogorgon” evita descobrir o que é a ‘verdade final’:

Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...
Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,
E assim será possível; mas hoje não...
Não, hoje nada; hoje não posso.
A persistência confusa da minha subjectividade objectiva,
O sono da minha vida real, intercalado,
O cansaço antecipado e infinito,
Um cansaço de mundos para apanhar um eléctrico...
Esta espécie de alma...

Só depois de amanhã...

(CAMPOS, Álvaro de. Addiamento, In: Poesias de Álvaro de Campos Lisboa: Ática, 1944. pág. 266)

Neste trecho ele usa como desculpa a sua ‘subjectividade objectiva’, uma antonímia que demonstra a sua confusão interna entre o desejo de realizar algo e a inércia que o impede de agir. Ao utilizar esses substantivos que são antônimos combinados em uma locução, fica claro o jogo emocional que acontece no eu lírico. Como nos outros poemas, uma dualidade. Dessa vez não entre a concretude e o pensamento, mas é bem semelhante. Pois se algo é subjetivo, pode ser entendido de diversas maneiras, pois se é subjetivo cada um pode interpretar à sua maneira, mas ao ser objetivo, é algo direto, algo palpável. Então como uma subjectividade pode ser objetiva? Esse contraste acarreta o ‘cansaço antecipado e infinito’ do sujeito à qual ela é atribuída. Com isso ele passa a se tornar apático – no hoje- esperando que no amanhã ele finalmente possa conquistar o que deseja.

Esse adiamento constante das ações acaba por nos revelar a indiferença que a subjectividade objetiva causa no eu lírico em relação ao tempo presente, o que sugere uma visão niilista perante a falta de prazer nas atividades cotidianas. Há uma ênfase no saudosismo da infância, como uma forma de recuperar o significado que um dia existiu:

[...]Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.
Só depois de amanhã...
Quando era criança o circo de domingo divertia-me toda a semana.

Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da minha infância...
Depois de amanhã serei outro,
A minha vida triunfar-se-á,[...]
(CAMPOS, Álvaro de. *Addiamento*, In: *Poesias de Álvaro de Campos Lisboa: Ática, 1944. pág. 266*)

Assim como os outros poemas de Álvaro de Campos, enxergamos em “*Addiamento*” uma luta interna que acontece com as subjetividades líricas, vivendo uma dualidade que as fazem ficar desencantadas com o mundo e aborrecidas com as possibilidades que existem nos mundos que as cercam. Reflexo, talvez, de como o próprio heterônimo, ou uma das versões de Pessoa, se sentia com os propósitos do mundo fora da arte.

2.1.5. “Mestre, meu mestre querido!”

Este é o *incipit* de um dos poemas que Álvaro de Campos escreveu em 15-04-1928. Ele é uma declaração ao mestre de Álvaro de Campos, como explicitado no preâmbulo desta monografia: o heterônimo Alberto Caeiro. Diferente de Campos, extremamente subjetivista, Caeiro era objetivista. Enquanto um era atribulado por pensamentos, o outro não carecia de metáforas, como Jeronimo Pizarro e Patricio Ferrari afirmam no livro *136 pessoas de Pessoa* (2017):

Caeiro vem renomear o mundo, mas fá-lo como se tal acto, de natureza estética, fosse natural e não carecesse de metáforas, de figurações e de artifícios, mas apenas e simplesmente da inocência de não pensar; como se o poeta pudesse não fingir e fosse capaz de ver e escrever o que vê – “a espantosa realidade das coisas” – sem a mediação do intelecto pensante, isto é, pensando, mas sem pensamentos. (Pizarro, Jeronimo. Ferrari, Patricio. *136 pessoas de Pessoa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2017, pág. 382)

Ao lermos o poema na íntegra, podemos perceber que apesar das palavras carinhosas ao seu Mestre, o eu lírico deste poema também traz consigo uma queixa:

Mestre, só seria como tu se tivesse sido tu.

Que triste a grande hora alegre em que primeiro te ouvi!
Depois tudo é cansaço neste mundo subjectivado,
Tudo é esforço neste mundo onde se querem coisas,
Tudo é mentira neste mundo onde se pensam coisas,
Tudo é outra coisa neste mundo onde tudo se sente.
Depois, tenho sido como um mendigo deixado ao relento
Pela indiferença de toda a vila.
Depois, tenho sido como as ervas arrancadas,
Deixadas aos molhos em alinhamentos sem sentido.
Depois, tenho sido eu, sim eu, por minha desgraça,
E eu, por minha desgraça, não sou eu nem outro nem ninguém
Depois, mas porque é que ensinaste a clareza da vista,
Se não me podias ensinar a ter a alma com que a ver clara?
Porque é que me chamaste para o alto dos montes
(CAMPOS. Álvaro de. “Mestre, meu mestre querido!”, In: *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1944. Pág. 31)

Neste trecho, ele se parece muito com as subjetividades líricas já abordadas anteriormente: decepcionado, desiludido, sem propósito e sem fé no que existe no mundo ao seu redor. Encontramos novamente, neste poema muito comovente, as temáticas exploradas por Álvaro de Campos nos outros quatro textos já estudados, e não são entregues de maneira sutil, todos eles parecem ter outros temas centrais, mas acabam sendo consumidos pelos temas do entorno. É como se eles estivessem intrínsecos no próprio autor, e não apenas em seus sujeitos líricos.

Neste poema o eu lírico retrata a angústia diante da falta de sentido e sua sensação de se encontrar perdido, ele busca alcançar o que encontrou um dia em seu mestre e acaba entrando em contraste com sua própria confusão e incapacidade de atingir patamar tão alto na forma de lidar com a existência mundana. Como em “Tabacaria”, ao falar da menina que come chocolates, este eu lírico também faz referências às situações cotidianas, de modo que ele gostaria de por meio delas alcançar a alegria:

Feliz o homem marçano,
Que tem a sua tarefa quotidiana normal, tão leve ainda que pesada.
Que tem a sua vida usual,
Para quem o prazer é prazer e o recreio é recreio.
Que dorme sono,
Que come comida,
Que bebe bebida, e por isso tem alegria.
(CAMPOS. Álvaro de. “Mestre, meu mestre querido!”, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944. Pág. 31)

Isto pode ser interpretado como um anseio por uma existência mais ordinária e sem pensamentos complexos que o levem a vivê-la com tanto peso. Pensando na relação mestre-aluno, podemos aludir que o aluno Álvaro de Campos gostaria de enxergar o mundo como seu mestre, Alberto Caeiro, de modo que uma tabacaria possa ser só uma tabacaria. Em um ensaio de Maria Elena Nery Garcez, “Fernando Pessoa: aspectos de intertextualidade”, publicado em 2004 na revista *Voz Lusíada* N°21, a autora fala um pouco sobre esta relação:

Alberto Caeiro apresentou-lhe um modo novo de viver e de relacionar-se com o Mundo, conquistou-o para sua doutrina mas não lhe deu os meios para que pudesse pô-la em prática. O mestre, aquele que trouxe a nova Revelação, não lhe proporcionou a capacidade de vivê-la, a graça, diríamos em termos cristãos.[...] Nenhum Mestre ou educador pode garantir que seu ensinamento será seguido e dará certo para o outro. Por ser outra pessoa, ele é livre de querer incorporar ou não esses ensinamentos e, mesmo quando os quer incorporar, pode suceder que o consiga ou não. É impossível prever o que acontecerá no trato com o outro. (GARCEZ, Maria Elena. “Fernando Pessoa: aspectos de intertextualidade. In: *Voz Lusíada* – Revista da academia lusíada de ciências, letras e artes. N° 21, São Paulo, 2004, pág 31)

Esta relação vai muito além do eu lírico e de seu mestre, ela permeia a *persona* de Álvaro de Campos e toda a sua literatura. Ainda que não o motivo, mas com certeza uma das razões para as quais os temas estudados nesta monografia serem tão comuns nestes textos. Afinal,

Álvaro de Campos era um estrangeiro dentro do que ele mesmo tentava acreditar, ou havia sido ensinado a acreditar. O eu lírico clama por seu mestre assim como cristãos clamam por Cristo, mas ele está tão cético que não consegue encontrar direção.

2.1.6. “Às vezes medito,”

“Às vezes medito,” é o *incipit* do sexto poema da tabela apresentada anteriormente e ele data do dia 29-04-1928. Nele, o eu lírico volta a falar do ‘mistério’ das coisas: “E todo o mistério das coisas aparece-me como um óleo à superfície/E todo o universo é um mar de caras de olhos fechados para mim”. E da dualidade entre concretude e pensamento, abstração e realidade: “Ah, o existir o fenómeno abstracto — existir,/Haver consciência e realidade,/O que quer que isto seja...”. E com isso, novamente verificamos os sentimentos gerados em quem é acometido por tantos pensamentos: “Como posso eu exprimir o horror que tudo isto me causa?”.

No geral, este poema retrata uma contemplação existencial profunda e emotiva, e isso se dá a partir de um momento de meditação, que é quando o ser se conecta consigo próprio para poder encontrar paz e serenidade. Porém, neste caso, o eu lírico não encontra nada mais do que suas próprias inquietações. Ele mergulha em si e acaba ficando defronte com seu horror e fascínio diante do que seria o enigma do ser, da vida. Assim como em “Demogorgon”, o eu lírico não quer descobrir ‘a verdade final’ e tampouco o ‘mystério’ das coisas. Em “Às vezes medito” também encontramos este detalhe, que acomete em seu eu lírico os mesmos temas antes verificados, sempre partindo da mesma premissa: a fragilidade e precariedade de existir.

Ah, haver coisas!
Ah, haver seres!
Ah, haver maneira de haver seres
De haver haver,
De haver como haver haver,
De haver...
Ah, o existir o fenómeno abstracto — existir,
Haver consciência e realidade,
O que quer que isto seja...
Como posso eu exprimir o horror que tudo isto me causa?
Como posso eu dizer como é isto para se sentir?
Qual é alma de haver ser?
Ah, o pavoroso mistério de existir a mais pequena coisa
Porque é o pavoroso mistério de haver qualquer coisa
Porque é o pavoroso mistério de haver...
(CAMPOS, Álvaro de. “às vezes medito”. In: Álvaro de Campos - Livro de Versos .
Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de
Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993. pág.82)

O verbo ‘haver’ utilizado de maneira intensa e repetitiva confere uma ênfase negativa à ideia de existir. É por meio deste verbo que o eu lírico evoca o sentimento de perplexidade

diante do mistério inerente ao ato de ‘haver ser’, preocupação esta que o leva a ficar apavorado diante da existência de qualquer coisa. Como em outros poemas, embora não tenhamos o nihilismo abordado de maneira explícita, encontramos aqui elementos frequentemente associados a esta corrente filosófica: a angústia, a sensação de desamparo, a falta de propósito, a percepção do mistério e da incompreensibilidade da existência.

De todos os sujeitos líricos citados, este é o que possui o medo do mistério mais parecido com o de “Demogorgon”. Enquanto em “Tabacaria” e “Apostilla” eles parecem estar desiludidos por já conhecer ‘a verdade’ do mundo, os outros dois têm medo do que está por trás do ato de existir.

2.1.7. “Na última página de uma Antologia Nova” & “No ocaso, sobre Lisboa, no tédio dos dias que passam,”

Esse subtítulo carrega dois poemas que são datados de mesmo dia (01-05-1928), porém, ainda que escritos no mesmo dia, ambos abordam temáticas diferentes, embora igualmente importantes. , para a construção da análise desejada nesta monografia. O poema intitulado “Na última página de uma Antologia Nova” percebemos aquele eu lírico em busca do status de gênio, do propósito para a sua poesia, aquele que se sente externo ao mundo em que se encaixa, se sente o outro no mundo que chama de seu. Esse turbilhão de pensamentos o acomete quando ele lê uma antologia:

NA ÚLTIMA PÁGINA DE UMA ANTOLOGIA NOVA
Tantos bons poetas!
Tantos bons poemas!
São realmente bons e bons,
Com tanta concorrência não fica ninguém,
Ou ficam ao acaso, numa lotaria da posteridade,
Obtendo lugares por capricho do Empresário.
Tantos bons poetas!
Para que escrevo eu versos?
Quando os escrevo parecem-me
O que a minha emoção, com que os escrevi, me parece —
A única coisa grande no mundo...
Enche o universo de frio o pavor de mim.
Depois, escritos, visíveis, legíveis...
Ora... E nesta antologia de poetas menores?
Tantos bons poetas!
O que é o gênio, afinal, ou como é que se distingue
O gênio, e os bons poemas dos bons poetas?
Sei lá se realmente se distingue...
O melhor é dormir...
Fecho a antologia mais cansado do que do mundo —
Sou vulgar?...

Há tantos bons poetas!

Santo Deus!...

(CAMPOS. Álvaro de. “Na última página de uma antologia nova”, In: Álvaro de Campos - Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993. pág. 83)

Neste poema Álvaro de Campos utiliza de um estilo mais direto, uma linguagem coloquial com frases curtas e repetições enfáticas que transmitem a angústia e a urgência presente no interior do eu lírico. Podemos perceber que há uma alusão ao sentimento de insignificância diante da vasta produção poética que já existe, diante dos vários Miltons e Vírgilios, como vimos em poemas anteriores, ou em Camões, como podemos ver ao ler textos escritos por Fernando Pessoa ortônimo:

Quem sabe se não estará para um futuro muito próximo a ruidosa confirmação deste deduzidíssimo asserto? Pode objectar-se, além de muita coisa desdenhável num artigo que tem de não ser longo, que o actual momento político não parece de ordem a gerar génios poéticos supremos, de reis e mesquinho que é. Mas é precisamente por isso que mais concluível se nos afigura o próximo aparecer de um supra-Camões na nossa terra. (Pessoa, F. “A Águia”, 2ª série, nº 4. Porto: abril, 1912)

Neste trecho percebemos que além de crer nisto, o autor – possivelmente- também pensa em se tornar um supra-Camões. Não é possível afirmar, mas podemos trabalhar com a teoria de que esta questão de alcançar a genialidade de Camões e deixar sua marca de forma atemporal no mundo é o que leva um de seus heterônimos a ter isto como tema tão recorrente em seus poemas - visto que ele é descrito por Pessoa como “o mais histericamente histórico de mim”(Pessoa, 1935) – e isto é o que leva os sujeitos líricos dos poemas de Álvaro de Campos a transmitirem o que há de mais histórico nele.

Já o outro poema, “No ocaso, sobre Lisboa, no tédio dos dias que passam,” é composto por apenas uma estrofe de 7 versos, mas que se assemelham muito aos poemas já analisados. Nele o eu lírico aborda o “tédio” que o assola e o estado de desânimo e desilusão em sua existência, como se fosse incapaz de encontrar significado ou propósito. Ele apresenta uma linguagem um pouco mais densa do que a utilizada em “Na última página de uma Antologia Nova” com metáforas que evocam uma sensação de aprisionamento:

No ocaso, sobre Lisboa, no tédio dos dias que passam,
Fixo no tédio do dia que passa permanentemente
Moro na vigília involuntária como um fecho de porta
Que não fecha coisa nenhuma.
Meu coração involuntário, impulsivo,

Naufraga a esfinges indigentes

Nas consequências e fins, [acordando?] no [além?].

(CAMPOS, Álvaro de. “No ocaso, sobre Lisboa, no tédio dos dias que passam,” In:

Álvaro de Campos - Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993. Pág 84)

Neste poema a ideia do vazio existencial e da monotonia estão presentes de maneira em que no que temos a leitura da antologia já não percebemos, é como se, em um, ele estivesse atordoado e, no outro, ele estivesse decepcionado. Cada um deles expressa uma perspectiva singular sobre a condição humana.

2.1.8. “Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,” & “Na noite terrível, substância natural de todas as noites,”

Esses dois títulos são na realidade *incipits* de dois poemas de Álvaro de Campos datados de 11-05-1928, ambos trazem em seus versos os temas explorados em “Demogorgon” e trabalhados anteriormente nos outros poemas do mesmo ano. Em “Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,” o poeta Álvaro de Campos se utiliza de uma linguagem um tanto quanto imagética, recorrendo às metáforas e simbolismos para transmitir as emoções e os pensamentos do eu lírico. Conseguimos notar que a estrada de Sintra é na realidade um cenário que reflete a jornada interior do eu lírico por meio de sua inquietação na busca por algo tangível. Essa viagem pode ser retratada como uma busca por propósito. Nota-se também que há a dualidade entre a concretude e o pensamento. Abaixo, apresento o poema na íntegra com grifos nas partes que nos remetem às temáticas investigadas nestes poemas a fim de encontrar um padrão no Álvaro de Campos de 1928:

Ao volante do *Chevrolet* pela estrada de Sintra,
Ao luar e ao sonho, na estrada deserta,
Sozinho guio, guio quase devagar, e um pouco
Me parece, ou me forço um pouco para que me pareça,
Que sigo por outra estrada, por outro sonho, por outro mundo,
Que sigo sem haver Lisboa deixada ou Sintra a que ir ter,
Que sigo, e que mais haverá em seguir senão não parar mas seguir?
Vou passar a noite a Sintra por não poder passá-la em Lisboa,
Mas, quando chegar a Sintra, terei pena de não ter ficado em Lisboa.
Sempre esta inquietação sem propósito, sem nexo, sem consequência,
Sempre, sempre, sempre,
Esta angústia excessiva do espírito por coisa nenhuma,
Na estrada de Sintra, ou na estrada do sonho, ou na estrada da vida.

Maleável aos meus movimentos subconscientes do volante,
Galga sob mim comigo o automóvel que me emprestaram.
Sorrio do símbolo, ao pensar nele, e ao virar à direita.
Em quantas coisas que me emprestaram guio como minhas!
Quanto me emprestaram, ai de mim!, eu próprio sou!
À esquerda o casebre — sim, o casebre — à beira da estrada.
À direita o campo aberto, com a lua ao longe.
O automóvel, que parecia há pouco dar-me liberdade,

**É agora uma coisa onde estou fechado,
Que só posso conduzir se nele estiver fechado,**
Que só domino se me incluir nele, se ele me incluir a mim

À esquerda lá para trás o casebre modesto, mais que modesto.
A vida ali deve ser feliz, só porque não é a minha.
Se alguém me viu da janela do casebre, sonhará: Aquele é que é feliz.
Talvez à criança espreitando pelos vidros da janela do andar que está em cima
Fiquei (com o automóvel emprestado) como um sonho, uma fada real.
Talvez à rapariga que olhou, ouvindo o motor, pela janela da cozinha
No pavimento térreo,
Sou qualquer coisa do príncipe de todo o coração de rapariga,
E ela me olhará de esguelha, pelos vidros, até à curva em que me perdi.
Deixarei sonhos atrás de mim, ou é o automóvel que os deixa?

Eu, guiador do automóvel emprestado, ou o automóvel emprestado que eu guio?

Na estrada de Sintra ao luar, na tristeza, ante os campos e a noite,
Guiando o *Chevrolet* emprestado desconsoladamente,
Perco-me na estrada futura, sumo-me na distância que alcanço,
E, num desejo terrível, súbito, violento, inconcebível,
Acelero...
Mas o meu coração ficou no monte de pedras, de que me desviei ao vê-lo sem vê-lo,
À porta do casebre,
O meu coração vazio,
O meu coração insatisfeito,
O meu coração mais humano do que eu, mais exacto que a vida.

Na estrada de Sintra, perto da meia-noite, ao luar, ao volante,
**Na estrada de Sintra, que cansaço da própria imaginação,
Na estrada de Sintra, cada vez mais perto de Sintra,
Na estrada de Sintra, cada vez menos perto de mim...**
(CAMPOS, Álvaro de. “Ao volante do *Chevrolet* pela estrada de Sintra”, In: Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944. pág. 37)

O poema “Na noite terrível, substância natural de todas as noites,”, assim como os versos explorados acima, traz em seus versos a reflexão do eu lírico sobre suas escolhas e as oportunidades perdidas ao longo da existência. O ponto de partida para esses pensamentos é uma noite de insônia, onde ele passa a rememorar suas ações passadas e os diferentes rumos que poderiam ter sido tomados a depender de suas escolhas.

Neste poema o eu lírico enfatiza a importância das escolhas e como elas são capazes de moldar o curso da existência. Como nos outros poemas, ele se sente impotente diante do pensamento que o acomete e neste caso específico do que ficou por realizar; ele percebe que essas oportunidades perdidas são irrecuperáveis e que não há metafísica ou filosofia que possa lhe trazer esperança. No final do poema temos uma metáfora em que vemos representado o poeta enterrando seus sonhos e se questionando sobre os sonhos que deixou de sonhar. De todos os sujeitos líricos abordados, este é o que carrega, em minha opinião, maior melancolia por meio do quesito arrependimento. Utilizando uma linguagem introspectiva e melancólica,

Álvaro de Campos recorre à repetição de frases e palavras de maneira a enfatizar a angústia e a frustração do eu lírico. A noção de irreversibilidade e falta de redenção abordadas no poema podem ser interpretadas como uma visão niilista da existência, além de termos versos que reforçam a ideia da falta de significado intrínseco ou valor transcendental em suas experiências e realizações:

Na noite terrível, substância natural de todas as noites,
Na noite de insônia, substância natural de todas as minhas noites, Relembro, velando
em modorra incômoda,
Relembro o que fiz e o que podia ter feito na vida.
Relembro, e uma angústia
Espalha-se por mim todo como um frio do corpo ou um medo.
O irreparável do meu passado — esse é que é o cadáver!
Todos os outros cadáveres pode ser que sejam ilusão.
Todos os mortos pode ser que sejam vivos noutra parte.
Todos os meus próprios momentos passados pode ser que existam algures,
Na ilusão do espaço e do tempo,
Na falsidade do decorrer.

Mas o que eu não fui, o que eu não fiz, o que nem sequer sonhei;
O que só agora vejo que deveria ter feito,
O que só agora claramente vejo que deveria ter sido —
Isso é que é morto para além de todos os Deuses,
Isso — e foi afinal o melhor de mim — é que nem os Deuses fazem viver...

Se em certa altura
Tivesse voltado para a esquerda em vez de para a direita;
Se em certo momento
Tivesse dito sim em vez de não, ou não em vez de sim;
Se em certa conversa
Tivesse tido as frases que só agora, no meio-sono, elaboro —
Se tudo isso tivesse sido assim,
Seria outro hoje, e talvez o universo inteiro
Seria insensivelmente levado a ser outro também.

Mas não virei para o lado irreparavelmente perdido,
Não virei nem pensei em virar, e só agora o percebo;
Mas não disse não ou não disse sim, e só agora vejo o que não disse;
Mas as frases que faltou dizer nesse momento surgem-me todas,
Claras, inevitáveis, naturais,
A conversa fechada concludentemente,
A matéria toda resolvida...
Mas só agora o que nunca foi, nem será para trás, me dói.

O que falhei deveras não tem esperança nenhuma
Em sistema metafísico nenhum.
Pode ser que para outro mundo eu possa levar o que sonhei.
Mas poderei eu levar para outro mundo o que me esqueci de sonhar?
Esses sim, os sonhos por haver, é que são o cadáver.
Enterro-o no meu coração para sempre, para todo o tempo, para todos os universos.
Nesta noite em que não durmo, e o sossego me cerca
Como uma verdade de que não partilho,
E lá fora o luar, como a esperança que não tenho, é invisível p'ra mim.
(CAMPOS, Álvaro de. “Na noite terrível, substância natural de todas as noites,“, In:
Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944. Pág. 34)

Apesar de datados do mesmo dia, os poemas não dialogam explicitamente, mas há como teorizar (apenas teorizar) que o eu lírico do segundo poema era o que acabava de viajar pela estrada de Sintra e agora se encontra rodeado de pensamentos e arrependimentos. Mas, para além da teoria, podemos encontrar tonalidades emocionais semelhantes em ambos os sujeitos líricos, que são marcados pela melancolia, desencantamento, angústia, desespero e uma percepção inquietante das limitações humanas. Marcas essas geradas por oportunidades irrecuperáveis, seja por estar em um lugar ou um caminho errado, como em “Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra” ou por não ter tomado as melhores decisões ao longo da vida, como em “Na noite terrível, substância natural de todas as noites,”.

2.1.9. “Nuvens” & “Nocturno de Dia”

“Nuvens” é o título de um poema datado de 13-05-1928. Ele é composto por quatro estrofes, mas com quantidade de versos bem diferentes em cada uma delas. Este poema é extremamente melancólico e nos apresenta um eu lírico semelhante aos abordados anteriormente. Há menção à ideia de ‘mistério’ já analisada anteriormente em outros poemas, mas desta vez o eu lírico fica impressionado com a capacidade das outras pessoas de não ‘sentir’:

NUVENS
No dia triste o meu coração mais triste que o dia...
Obrigações morais e civis?
Complexidade de deveres, de consequências?
Não, nada...
O dia triste, a pouca vontade para tudo...
Nada...

Outros viajam (também viajei), outros estão ao sol
(Também estive ao sol, ou supus que estive),
Todos têm razão, ou vida, ou ignorância simétrica,
Vaidade, alegria e sociabilidade,
E emigram para voltar, ou para não voltar,
Em navios que os transportam simplesmente.
Não sentem o que há de morte em toda a partida,
De mistério em toda a chegada,
De horrível em todo o novo...
Não sentem: por isso são deputados e financeiros,
Dançam e são empregados no comércio,
Vão a todos os teatros e conhecem gente...
Não sentem: para que haveriam de sentir?

Gado vestido dos currais dos Deuses,
Deixá-lo passar engrinaldado para o sacrifício
Sob o sol, alacre, vivo, contente de sentir-se...
Deixai-o passar, mas ai, vou com ele sem grinalda
Para o mesmo destino!
Vou com ele sem o sol que sinto, sem a vida que tenho,

Vou com ele sem desconhecer...

No dia triste o meu coração mais triste que o dia...

No dia triste todos os dias...

No dia tão triste...

(CAMPOS, Álvaro de. Nuvens, In: Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944. Pág. 268)

Este poema retrata um estado de melancolia e tristeza profunda por parte do eu lírico. Ele inicia com uma reflexão sobre as obrigações morais e civis, mas percebendo que na verdade esta não é a motivação de sua tristeza. Na realidade o que a motiva é a sua falta de vontade para realizar qualquer outra ação e a falta de significado e propósito em tudo que se propõe a fazer. Enquanto isso, contrastando com sua tristeza, as outras pessoas conseguem levar uma vida normal. E isto se dá pelo mesmo motivo pelo qual o eu lírico de “Mestre, meu mestre querido!” não consegue se sentir parte nem semelhante dos ensinamentos de seu mestre, pois para isso ele precisaria não sentir, e ambos não conseguem.

Esta necessidade que acomete o eu lírico em se aprofundar nas emoções e nas questões da existência são as que o levam a passar por essa situação angustiante. Por estar sempre em busca do ‘mistério’ e da ‘verdade’, ele não se permite viver as situações mais mundanas possíveis. Assim como nos outros poemas, existe aqui uma sensação de alienação e desprendimento do mundo ao redor.

O segundo poema que abordarei nesta seção é intitulado “Nocturno de Dia”. Ele é composto por apenas uma estrofe de 6 versos. Mas mesmo nessas poucas palavras é possível encontrar as temáticas buscadas e um eu lírico com o mesmo comportamento dos explorados anteriormente neste trabalho. Ele é o último poema – que conhecemos – escrito no primeiro semestre de 1928 pelo heterônimo Álvaro de Campos e é com ele, tão sutil como esta personalidade, que encerrarei as análises dos poemas para partir para a conclusão do que foi possível analisar até o momento.

NOCTURNO DE DIA

...Não: o que tenho é sono.

O quê? Tanto cansaço por causa das responsabilidades,

Tanta amargura por causa de talvez se não ser célebre

Tanto desenvolvimento de opiniões sobre a imortalidade...

O que tenho é sono, meu velho, sono...

Deixem-me ao menos ter sono; quem sabe que mais terei?

(CAMPOS, Álvaro de. Nocturno de Dia, In: Álvaro de Campos - Livro de Versos. Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993. Pág. 88.)

Nestes tão poucos versos, vemos novamente o mesmo padrão acontecendo: a busca pelo sucesso, a descrença no que está por vir, a busca por um propósito... todos estes pensamentos acometendo o eu lírico a partir de uma situação banal e cotidiana: ter sono.

Este é um poema curto e reflexivo, com tom melancólico, que apresenta o desgaste emocional de quem ‘fala’. A negação inicial sugere um cansaço para além do físico. Ele explora uma estafa causada por sentimentos ruins, como amargura, devido aos causos de uma vida repleta de arrependimentos e medos por não ter conquistado a ‘celebridade’ até aquele determinado momento.

No encerramento do poema este eu lírico fala por todos os anteriores quando pede “Deixem-me ao menos ter sono; quem sabe que mais terei?” Evocando a incerteza sobre o propósito que este mundo reserva para eles e criando um senso de vulnerabilidade e expectativas perante a falta de reconhecimento e significado na vida.

3. CONCLUSÃO: O FINAL DA TRILHA POR 1928

Após conhecermos um pouco mais da história do poeta Fernando Pessoa e nos aprofundarmos em seu heterônimo mais histórico de si por meio de seus poemas, é possível atingir os objetivos anteriormente delineados. Para encerrar este trabalho, gostaria de lembrar quais foram os principais pontos de partidas e objetivos traçados para o desenvolvimento desta monografia:

- A poética do heterônimo Álvaro de Campos;
- O poema “Demogorgon”, escrito por ele em 1928;
- Os temas presentes no poema “Demogorgon”;
- A busca por uma recorrência de temas presentes na poesia deste heterônimo em 1928 e a especulação de que esses temas não aparecem unicamente por coincidência.

Seguindo esta linha de raciocínio, por meio da análise dos 12 poemas escritos no primeiro semestre de 1928, foi possível perceber o padrão estabelecido pelo heterônimo e a recorrência dos temas encontrados em “Demogorgon”. Foram eles: niilismo, desencantamento de mundo, angústia e procrastinação. Todos eles aparecem, ainda que de forma sutil nos poemas analisados.

A partir de um eu lírico melancólico e uma escrita que se aproxima do leitor, Álvaro de Campos consegue mostrar que por meio das coisas mais simples do nosso cotidiano podemos ser acometidos com os pensamentos mais profundos que são capazes de nos teletransportar para uma realidade que nos faz duvidar do que nos é de fato palpável. Ele

mostra isso em seus poemas seguindo o padrão de: um acontecimento mundano; um turbilhão de pensamentos; a falta de propósito e confiança no mundo e em si mesmo gerados por esses pensamentos; o arrependimento por não ter sido/feito/conquistado; outro acontecimento mundano que o traz de volta para o concreto.

A dualidade entre concretude e pensamento está presente na maioria dos poemas analisados e é a partir dela que ele explora as temáticas. Não me parecem ser temas colocados em poemas diferentes por pura coincidência, afinal há um padrão na forma que eles são explorados. Embora não seja possível afirmar, visto que Fernando Pessoa não pode mais nos responder à essa pergunta, nos resta especular por meio dos indícios encontrados nos padrões destes poemas, que o autor deles tinha alguma motivação para abordá-los, seja ela apenas os pensamentos que o importunavam na realidade, ou o querer colocar em palavras a forma como enxergava a vida. Por ser uma personalidade fictícia, estas atribuições de pensamentos podem ser interligadas ao Fernando Pessoa ortônimo.

No ano de 1928, Portugal vivia sob um regime autoritário e passava por uma série de dificuldades em termos econômicos durante toda a década de 1920: houve um declínio nas exportações, aumento do desemprego e uma queda no padrão de vida da população. Esta situação com certeza impactava na vida de Fernando Pessoa, que não poderia deixar de externar suas preocupações por meio de seu heterônimo mais melancólico e preocupado com o mundo ao seu redor. Dentre os três, ele é quem mais representa a modernidade e a complexidade da vida urbana.

Além disso, na época em que esses poemas foram escritos, havia uma crise no discurso religioso e um ganho de força por parte do discurso científico, conforme explicitado no preâmbulo, e isto gerou uma crise de sentido transcendente nas pessoas, uma carência ontológica que faz com que parte da sociedade passe a buscar um motivo para viver, busque um sentido para a existência nesse mundo. Essas duas realidades podem ter sido motivações para que Fernando Pessoa explorasse temas como o niilismo e o desencantamento de mundo por meio de seu heterônimo.

Com isso, conclui-se que o Álvaro de Campos de 1928 pode ser visto como um poeta melancólico em busca de sentido ontológico para a existência. A representação disto nos poemas são muito claras, nos mostram que “Demogorgon” não foi um caso único em que as temáticas foram exploradas e que a semelhança entre os sujeitos líricos existentes neles não é coincidência.

BIBLIOGRAFIA

- CABRAL, Fernando Martins. **Introdução ao Estudo de Fernando Pessoa**. 1ª ed. Ateliê Editorial. São Paulo, 2017.
- CAEIRO, Alberto. **O Guardador de Rebanhos**. 1ª publ. in Athena, nº 4. Lisboa: Jan. 1925
- CAMPOS, Álvaro de. “**Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra**”, In: Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944
- CAMPOS, Álvaro de. “**Às vezes medito**”. In: Álvaro de Campos - Livro de Versos. Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993
- CAMPOS, Álvaro de. “**Na noite terrível, substância natural de todas as noites,**”, In: Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944
- CAMPOS, Álvaro de. “**No ocaso, sobre Lisboa, no tédio dos dias que passam,**”, In: Álvaro de Campos - Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993.
- CAMPOS, Álvaro de. **Addiamento**, In: Poesias de Álvaro de Campos Lisboa: Ática, 1944
- CAMPOS, Álvaro de. **Apostilla**, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944.
- CAMPOS, Álvaro de. **Demogorgon**, In: Obra Completa de Álvaro de Campos, Tinta-Da-China, 2015.
- CAMPOS, Álvaro de. **Nuvens**, In: Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944.
- CAMPOS, Álvaro de. **Tabacaria**, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944.
- CAMPOS. Álvaro de. “**Mestre, meu mestre querido!**”, In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944.
- CAMPOS. Álvaro de. “**Na última página de uma antologia nova**”, In: Álvaro de Campos - Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993.
- CAMPOS. Álvaro de. **Nocturno de Dia**, In: Álvaro de Campos - Livro de Versos. Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993.
- GARCEZ, Maria Elena. **Fernando Pessoa: aspectos de intertextualidade**. In: Voz Lusíada – Revista da academia lusíada de ciências, letras e artes. Nº 21, São Paulo, 2004.
- LOPES, Teresa Rita. **Álvaro de Campos - Livro de Versos**. Fernando Pessoa. Lisboa: Estampa, 1993.
- MOISES, Leyla Perrone. **Aquem do eu, além do outro**. WMF Martins Fontes. São Paulo, 2001.
- PESSOA, Fernando. “**A Águia**”, 2ª série, nº 4. Porto: abril, 1912
- PESSOA, Fernando. **Carta a Adolfo Casais Monteiro**. In: Revista Presença, Nº 49, 1937
- Pizarro, Jeronimo. Ferrari, Patricio. **136 pessoas de Pessoa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2017
- RAMALHO. Américo da Costa. In: Revista Panorama, IV Série, Volume 5, 1963.
- SEZNEC, Jean. **Survival of Pagan Gods**. Tradução: SESSIONS, Barbara. Princeton University Press, 1972.
- ZENITH, Richard. **Uma leitura Nietzscheana de Pessoa e os Heterónimos**. In: Nietzsche e Pessoa ensaios. Tinta-da-china. Lisboa, 2016.